

À ESCOLA, CAMARADAS! MAPEAMENTO DAS EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS VINCULADAS À MILITÂNCIA LIBERTÁRIA EM FORTALEZA (1900-1940)

TO SCHOOL, COMRADES! MAPPING EDUCATIONAL EXPERIENCES LINKED TO LIBERTARIAN ACTIVISM IN FORTALEZA (1900-1940)

¡A LA ESCUELA, CAMARADAS! MAPEO DE EXPERIENCIAS EDUCATIVAS VINCULADAS A LA MILITANCIA LIBERTARIA EN FORTALEZA (1900-1940)

Francisco Robson Alves de Oliveira¹, Patrícia Helena Carvalho Holanda²

DOI: 10.54899/dcs.v23i87.4516

Recibido: 06/02/2026 | Aceptado: 09/02/2026 | Publicación en línea: 13/02/2026.

RESUMO

O presente artigo reúne informações sobre a pesquisa “*Mapeamento das experiências educacionais vinculadas à militância libertária em Fortaleza (1900-1940)*”, desenvolvida na Linha Humanidades e Educação, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. A pesquisa teve como campo de reflexão a Educação Libertária, trazendo novos elementos para a História da Educação Popular em Fortaleza, investigando educação e formação política e catalogando 25 experiências educacionais vinculados à militância anarquista (como escolas, bibliotecas, grupos de propaganda, jornais e agremiações políticas). Os referenciais teóricos da pesquisa estão vinculados a História Social e a História Pública, retomando a história da “gente comum”, dos “desajustados”, dos “sem nomes” e visando uma maior divulgação científica na área da História. A abordagem metodológica qualitativa, mesclou elementos da pesquisa documental e análise temática. Como um dos seus resultados, está sendo elaborada uma plataforma para socializar as informações, documentos e promover interações entre pesquisadores da educação e do anarquismo.

Palavras-chave: Educação Libertária. Imprensa Libertária. Anarquismo. Educação Popular.

ABSTRACT

This article gathers information about the research project “*Mapping educational experiences linked to libertarian activism in Fortaleza (1900-1940)*”, developed within the Humanities and Education line of research at the Faculty of Education of the Federal University of Ceará. The research focused on Libertarian Education, bringing new elements to the History of Popular Education in Fortaleza, investigating education and political formation, and cataloging 25 educational experiences linked to anarchist activism (such as schools, libraries, propaganda groups, newspapers, and political associations). The theoretical framework of the research is

¹ Doutor em Educação, Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, Ceará, Brasil.
E-mail: robsonahistoria@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-0687-4517>

² Doutora em Educação, Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, Ceará, Brasil.
E-mail: patricia.holanda@ufc.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8233-1190>

linked to Social History and Public History, revisiting the history of “ordinary people”, “misfits”, and “nameless people”, aiming for greater scientific dissemination in the field of History. The qualitative methodological approach combined elements of documentary research and thematic analysis. As one of its results, a platform is being developed to share information and documents and promote interactions between researchers in education and anarchism.

Keywords: Anarchist Education. Libertarian Press. Anarchism. Popular Education.

RESUMEN

Este artículo recopila información sobre el proyecto de investigación “*Mapeo de experiencias educativas vinculadas al activismo libertario en Fortaleza (1900-1940)*”, desarrollado dentro de la línea de investigación de Humanidades y Educación de la Facultad de Educación de la Universidad Federal de Ceará. La investigación se centró en la Educación Libertaria, aportando nuevos elementos a la Historia de la Educación Popular en Fortaleza, investigando la educación y la formación política, y catalogando 25 experiencias educativas vinculadas al activismo anarquista (como escuelas, bibliotecas, grupos de propaganda, periódicos y asociaciones políticas). El marco teórico de la investigación está vinculado a la Historia Social y la Historia Pública, revisando la historia de la “gente común”, los “inadaptados” y los “sin nombre”, buscando una mayor difusión científica en el campo de la Historia. El enfoque metodológico cualitativo combinó elementos de investigación documental y análisis temático. Como uno de sus resultados, se está desarrollando una plataforma para compartir información y documentos y promover interacciones entre investigadores en educación y anarquismo.

Palabras clave: Educación Libertaria. Prensa Libertaria. Anarquismo. Educación Popular.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

No início do século XX, como reflexo da grande circulação de ideias em debate e também promovidas pelo movimento operário, despontava um emaranhado de discussões e projetos que foram além das intenções e se configuraram em ações que anunciavam à cidade de Fortaleza os debates correntes nas principais cidades brasileiras e mundiais. Ainda na segunda metade do século XIX, mobilizados a partir do crescimento da divulgação das ideias republicanas, positivistas, evolucionistas e socialistas, os debates foram ganhando corpo com a circulação de livros e demais impressos. Agrupamentos literários, científicos e militantes atuaram intensamente fundando “*jornais e revistas, ministrando aulas gratuitas ao operariado, debatendo os problemas da Província, produzindo livros e propagando a instrução como a grande ferramenta*

transformadora da sociedade” (SILVA, 2011).

A ação dos trabalhadores via associações de classe, escolas de trabalhadores e seus periódicos, independente dos seus variados matizes ideológicos, portanto de sua polifonia discursiva, repercutiam unissonamente o valor da instrução e da imprensa para a formação política e pela transformação social. Nas páginas d’*O Typographo*, em 01 de março de 1866, registrava-se: “*O jornal é o livro do pobre, ou a fonte principal donde emana a instrução grátis para aqueles que a sociedade reputa como mal educados*”. E n’*O Colossal*, em 10 de outubro de 1878, destaca: “*a instrução é tão necessária para ilustrar nosso espírito, como o alimento é indispensável para o sustentáculo do corpo. [...] A chave que abre uma escola de instrução educativa, é a mesma que fecha um cárcere*” (GONCALVES, 2006). A palavra impressa foi gestando um pensamento social e criando um ambiente político favorável as grandes agitações que ganharia destaque nas décadas seguintes.

Foram muitos os homens e as mulheres que atuaram na ação operária e libertária em todo território brasileiro. Eram tempos em que um mundo novo estava próximo e parecia depender vivamente *apenas* da organização das ações necessárias para a derrocada final do capitalismo e da organização da sociedade nova, livre da opressão dos trabalhadores e com a harmonia social anunciada pelo “*homem livre sobre a terra livre*”.

Em meio a dura rotina da peleja da labuta diária, criaram espaços de divulgação das suas ideias e práticas, como sindicatos, escolas, bibliotecas, centros de cultura social e grupos de estudos, bem como jornais, livros, manifestos e panfletos. Nesse trabalho optamos por organizar e dar conhecimento a uma parte dessas experiências de educação, qual seja aquelas vinculadas ao pensamento libertário (anarquista). Muitas dessas ações, principalmente da imprensa operária e dos espaços de educação (escolarizados e não escolarizados), foram durante muito tempo invisibilizadas. Nas últimas duas décadas, no entanto, algumas dessas experiências educacionais relacionadas a agitação política da militância anarquista tem ganhado pesquisas no Ceará e que, acreditamos, precisavam serem melhores dimensionadas, organizadas, reunidas e publicizadas – não apenas socializadas no âmbito acadêmico, mas também para um público maior.

Esse artigo reúne, portanto, informações sobre a recente pesquisa intitulada “*Mapeamento das experiências educacionais vinculadas à militância libertária em Fortaleza (1900-1940)*”, desenvolvida no âmbito da Linha Humanidades e Educação, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. Explora, de forma sintética, os aspectos que ensejaram o início da pesquisa, os desafios e as possibilidades encontrados durante a construção do mapeamento, os

aspectos metodológicos que foram utilizados e os resultados, que começam, em parte, a serem socializados a partir deste trabalho.

A GESTAÇÃO DA PESQUISA E SEUS ANSEIOS PRIORITÁRIOS

Como dissemos acima, são muitos os trabalhos que tem como foco a pesquisa sobre o movimento social dos trabalhadores cearenses. Trabalhos acadêmicos nos mais diversos níveis (TCC's, dissertações, teses e uma avalanche de artigos) despontam nos repositórios que encontramos físico e digitalmente. Esses trabalhos possuem naturalmente recortes de pesquisa muito diversos e que revelam a riqueza da experiência dos trabalhadores, que associaram imprensa, educação e a luta por uma transformação social revolucionária da sociedade. É nesse rastro que nossas intenções de pesquisa se moveram. O primeiro passo foi realizar nosso próprio recorte de pesquisa. O que chamamos, pois, de “experiências educacionais”, “militância libertária”, “porque apenas em Fortaleza... e neste período”?

Como experiências educacionais entendemos o conjunto de realizações dos trabalhadores vinculados a educação, como escolas, bibliotecas, grupos de estudo, grupo de propaganda política, publicações de jornais, manifestos, panfletos. Essas atividades, estavam imbuídas sempre dos aspectos educativo e político, nos revelando, por exemplo, as concepções de homem e de educação que estavam em discussão no meio operário e mesmo em uma classe média emergente e que naquele momento começava a ter acesso aos instrumentos de formação política. Ainda no século XIX, o jornal *Phenix Caixeiral*, destaca que “*A educação, único caminho da civilização, é o aperfeiçoamento moral e innacto da confraternização social, é finalmente o conceito regenerador da vida do homem. Sem a educação, o homem não passa de um ser abjeto entre a sociedade*”.

Como militância libertária compreendemos as diversas práticas militantes de homens e mulheres que se afirmaram e/ou defenderam as teses anarquistas. Essa militância promoveu espaços de discussão, onde se encaminhava a agitação política (passeatas, manifestações, formação de associações, partidos e demais agremiações), mas também nos legaram grupos de estudo, grêmios literários, produção e intercâmbio de livros, jornais e folhetos. São eles e elas que convidam nas páginas escritas pelo movimento social os chamados para assistir uma palestra, uma peça, um *meeting*, e até a leitura coletiva e comentada de um jornal, ampliando, assim, a experiência coletiva de classe, ao estender o debate para a grande maioria de trabalhadores

analfabetos (BARRANCOS, 2010). Convém também lembrarmos que as experiências educacionais pesquisadas, em alguns casos, não eram mobilizadas “apenas” por anarquistas. Em muitos casos eles eram partícipes dos projetos coletivos para além da ação ideológica, convivendo com uma diversidade maior de pensamento e ação – ainda que na maioria dos espaços pesquisados tenhamos verificado o maior protagonismo de ação da militância libertária.

Ao pensarmos imersos sobre a miríade de títulos da imprensa operária surgiram muitas dúvidas sobre que recorte espacial e temporal utilizaríamos, na medida em que de leste a oeste e de sul ao norte do estado do Ceará, por exemplo, a imprensa operária destacava dezenas de títulos em muitas cidades. Optamos por focar em Fortaleza devido ao recorte temático específico de circundar as experiências vinculadas aos anarquistas, tendo em vista que em Fortaleza, durante a pesquisa, notamos a maior inserção dessa militância em relação as outras regiões do estado, que inicialmente era a intenção desse trabalho. O recorte temporal que utilizamos esteve associado principalmente a atividade do militante anarquista Moacir Caminha em Fortaleza, por este estar representado na maioria das experiências educacionais pesquisadas. Portanto, optamos pela década inicial do primeiro jornal com forte influência anarquista, *O Regenerador* (1908), e o final da década de 1930, a partir do registro de prisão de Moacir Caminha, do qual era diretor e proprietário do Educandário Cearense.

DESAFIOS DA PESQUISA E A AMPLITUDE DOS ACERVOS DIGITALIZADOS

As últimas duas décadas estão promovendo um ressurgimento de estudos em muitas temáticas que envolvem os impressos, de uma maneira geral. Isso porque, sobretudo no que se refere a pesquisa em jornais, a busca pelo contato direto com as fontes primárias era de difícil ou impossível acesso – muitas vezes dependente de recursos financeiros não compartilhados pela grande maioria dos pesquisadores.

Algumas fontes necessárias para o estudo do movimento operário, por exemplo, só estavam acessíveis aos pesquisadores em acervos de outros estados ou países, como é o caso do Arquivo Edgar Leuenroth (AEL/UNICAMP), e do Centro de Documentação e Memória (CEDEM/UNESP), em São Paulo, do Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro (AMORJ), Biblioteca Nacional e Arquivo Nacional, ambas as instituições no Rio de Janeiro, ou até mesmo a Biblioteca Nacional de Portugal, o Arquivo Histórico Social, do Instituto de Ciências Sociais (AHS-ICS), em Lisboa, ou o Instituto Internacional de História Social (IISH), em

Amsterdam.

Esses acervos foram construídos ao longo de décadas por muitos e muitas militantes que conseguiram salvaguardar uma grande quantidade de documentos, driblando governos ditatoriais que se seguiram no Brasil e em Portugal ao longo do século XX. Aos poucos, para maior socialização desses acervos e dada a dificuldade de preservação das famílias desses militantes, muitos desses arquivos pessoais foram sendo doados a instituições públicas, dando início a acervos especificamente ligados a educação anarquista, como é o exemplo do Acervo João Penteado, no Centro de Memória da Educação na FEUSP (MORAES, 2013), do Arquivo Edgar Leuenroth (AEL/UNICAMP), ou de espólios mais abrangentes como o Espólio Pinto Quartim, gerenciado pela ULisboa (sediado no AHS-ICS), e da Coleção Max Nettlau, no Instituto Internacional de História Social (IISH-Amsterdam).

Em alguns casos, a parceria entre instituições provocou a socialização através de cópias documentais, mas, muitas vezes apenas a incursão, dedicação e convencimento de pesquisadores nessas instituições, a título de verdadeiros militantes da pesquisa historiográfica, permitiu encontrar arquivos razoavelmente preservados e que ganharam não apenas pesquisas, mas ampla divulgação, por meio da sua reedição no formato de livro impresso. Para citar apenas três exemplos desse esforço de socialização impressa de documentos preservados relativos ao movimento operário (objetivamente do Nordeste e Norte desse país), citamos as primorosas edições fac-similares de Adelaide Gonçalves com *Ceará Socialista – Anno 1919* (GONÇALVES, 2001) e desta com Victor Pereira e Allyson Bruno em *O Demolidor – Orgam da Liga contra os Frades constituída pela Mocidade Independente* (GONÇALVES, 2013) e por Maria Luiza Ugarte Pinheiro e Luiz Balkar Sá Peixoto Pinheiro com *Imprensa Operária no Amazonas* (PINHEIRO, 2004).

Simultaneamente a estes esforços de publicação visando a democratização do acesso aos documentos, a grande transformação no que se refere ao acesso as fontes primárias ocorrem principalmente nas duas últimas décadas por meio da internet. Ela foi e está sendo, como suporte digital, responsável por revoluções no processo de pesquisa. O aparecimento de inúmeros acervos digitais democratizou o acesso as fontes, bem como está promovendo transformações na própria forma de pesquisa, a partir de novas formas de acesso a fonte primária. Como exemplo, temos, quanto a forma de acesso na grande maioria dessas plataformas, a utilização de descritores que nos revelam em quantidade o conjunto documental pesquisado, organizando por tema, data, nomes, expressões e/ou frases, deixando ao pesquisador novos caminhos de organização e

utilização da massa documental em estudo.

A Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (memoria.bn.gov.br) é um desses exemplos de democratização do acesso ao documento, com qualidade e respeito as normas historiográficas e arquivísticas. É bem verdade que ainda levará muito tempo para que todos os documentos sejam digitalizados, ensejando ainda a esta altura, a manipulação desses documentos fisicamente. No entanto, já são mais de oito mil títulos (alguns destes com anos de publicação, portanto, milhões de documentos) acessíveis ao pesquisador que tenha acesso a internet. O Arquivo Nacional é outro exemplo nesse sentido. O Sistema de Informações do Arquivo Nacional (SIAN-AN) é um dos melhores acervos de pesquisa em arquivos digitalizados, permitindo acesso a documentos textuais (manuscritos e impressos), iconográficos, cartográficos e até sonoros. Importa mencionar que estas plataformas das instituições de pesquisa possuem não apenas profissionais ligados a tecnologia e a digitalização desses acervos, mas também disponíveis ao diálogo de pesquisa, com setores destinados a facilitar o acesso aos pesquisadores a distância.

Arquivos históricos digitalizados sediados em outros países, com fontes relacionadas ao movimento operário, nos revelam também a potencialidade desses acervos. É o caso do site da Revistas de Ideias e Cultura, organizado pelo *Seminário Livre de História das Ideias* da Universidade Nova de Lisboa, da Biblioteca Nacional Digital de Portugal, Arquivo Nacional Torre do Tombo e da plataforma Casa Comum, desenvolvida pela Fundação Mário Soares. Em alguns casos esses acervos ainda possuem políticas de acesso aos arquivos com limitações, como é o caso de arquivos que ficam disponíveis apenas intranet das instituições, forçando o pesquisador a estar presente na instituição, mesmo com os arquivos digitalizados. Ainda assim, podemos afirmar que a digitalização nos mostra que muitos arquivos já se encontram à disposição dos pesquisadores. A maior parte dessas instituições, portanto, possuem acervos não só pesquisáveis via internet, mas também permite downloads, o que estende as possibilidades de pesquisa, na medida que permite ao pesquisador criar suas próprias estratégias de organização dos documentos.

Em tempo, a atividade dos pesquisadores tem se alterado sobremaneira. Antes sentado ao lado de algum documento físico em algum centro de pesquisa (biblioteca, universidade, arquivo ou até mesmo em casa), agora as fontes digitais foram incorporadas ao *métier* do historiador e podemos dizer que é quase impossível a escrita de uma pesquisa sem que se utilize qualquer suporte digital, podendo ser uma fonte primária “digitalizada” (como é o caso da maioria das fontes que utilizamos) ou mesmo o grande arsenal de artigos e demais trabalhos que encontramos

na internet, tendo em vista o surgimento de muitas revistas e grupos de pesquisa e trabalho, ampliados pela proximidade criada pelos ambientes virtuais. Temos, portanto uma revolução nessas possibilidades de pesquisa, no que Orville Burton já chamara de “História Digital”, ampliadas agora por enormes bancos de dados sobre História.

História Digital é o processo através do qual historiadores são capazes de usar computadores para fazer história de formas impossíveis sem o computador. [...] é a revolução na profissão histórica que mudará a maneira que a história é feita em todos os níveis de estudo e ensino e através das bibliotecas e bases de dados que os historiadores usam em seu trabalho diário. (BURTON apud ALMEIDA in BARROS, 2022. p. 117)

Foi em meio a essa grande revolução tecnológica que envolve as novas formas de pesquisa e as novas formas de acessar documentos, que pensamos desde o início dessa investigação em uma forma de publicizar o conjunto desse trabalho. Ao reunir o “mapeamento”, além da publicação impressa que está sendo organizada, pensamos que a sua divulgação poderia encontrar também suporte digital. Nesse sentido, está em avaliação uma plataforma (podendo ser um site ou mesmo aplicativo) com as informações reunidas ao longo da pesquisa. Assim, espera-se que, democratizando o acesso possamos recolher a reflexão dialógica de um público maior, além dos espaços de pesquisa já existentes nas instituições.

Com essa audiência maior, estendendo o acesso para além dos historiadores deste campo de pesquisa, buscamos também novas reflexões e novos usos deste conhecimento construído na universidade. O acesso desse conhecimento acerca das experiências educacionais pretéritas da classe trabalhadora pode propiciar reflexões sobre a organização atual da classe trabalhadora e também sobre a perda ou manutenção de vínculos de algumas entidades de classe com a educação e autoformação dos trabalhadores. Pode também impulsionar novos usos em relação a esse conhecimento. Um aplicativo, por exemplo, pode deixar esse “conteúdo” mais acessível a utilização de professores e estudantes nas escolas de ensino básico e nos cursos de ensino superior.

ASPECTOS METODOLÓGICOS: ENTRE O IMPRESSO E O DIGITAL

A maior parte do acervo documental utilizado na pesquisa foi acessado digitalmente. Nada disso teria sido possível, no entanto, se não fosse as dezenas de artigos e livros físicos que foram publicados ao longo das últimas décadas e que foram decisivos para pensar a primeira forma de organização deste trabalho, promovendo sinalizações importantes de busca documental. Portanto,

importa mencionar que sem a pesquisa destas primeiras publicações, jamais teríamos buscado as fontes digitalizadas que utilizamos ulteriormente.

Talvez a primeira publicação que tivemos acesso com a temática deste trabalho foi *A imprensa libertária do Ceará (1908-1922)*, organizado pela professora Adelaide Gonçalves (GONÇALVES, 2000). Na obra estavam reunidos três periódicos em que os libertários cearenses tiveram forte contribuição, e mesmo que não fosse em fac-símile, já se podia ler a transcrição de todos os jornais. Assim, ainda que não pudéssemos mensurar esteticamente a organização textual, podíamos notar os autores, as discussões e os projetos debatidos no seio do movimento operário em que os anarquistas tomaram parte. Passados 26 anos daquela publicação, hoje nos é possível confirmar e atualizar inúmeras informações ali distribuídas, a partir do cruzamento de fontes com outros periódicos do período que foram encontrados e digitalizados, registros de memorialistas e outras publicações recentes.

Foi também por meio impresso que nos chegou a obra de Edgar Rodrigues, um conjunto variado de livros que são verdadeiros compêndios de investigação e compilação das experiências de lutas do anarquismo brasileiro. Para citar apenas dois de seus livros que tiveram influência sobre este trabalho, recordamos *O Anarquismo na Escola, no Teatro, na Poesia* (RODRIGUES, 1992) e *Alvorada Operária* (RODRIGUES, 1979). O primeiro por estar ancorado diretamente sobre a temática das experiências educacionais dos anarquistas, o segundo por trazer um vasto conjunto de documentos sobre os congressos operários em que os libertários tomaram assento. Ainda sobre conjunto documental, temos de mencionar também *A Classe Operária no Brasil: condições de vida e de trabalho, relações com os empresários e o estado* (PINHEIRO, 1981), pela quantidade de textos que enunciam as condições de vida do operariado brasileiro. A última publicação que precisamos mencionar, pelo seu formato está mais próximo da pesquisa que fizemos, é o *Dicionário do Movimento Operário – Rio de Janeiro do século XIX aos anos 1920, militantes e organizações* (BATALHA, 2009). O livro organiza uma grande quantidade de dados sobre militantes e organizações de trabalhadores do Rio de Janeiro. A leitura desta obra, particularmente no que se refere aos tópicos pesquisados sobre cada agremiação militante, nos atentou para alguns passos metodológicos que fomos construindo no decorrer da pesquisa.

Essas leituras nos conduziram a busca pelo acesso as fontes primárias digitalizadas que pudessem complementar as informações sobre as experiências educacionais que os militantes libertários tiveram participação. Recolhemos indícios de pesquisas e fontes digitalizadas do CEDEM, Biblioteca Nacional, Arquivo Nacional, Revista de Ideias e Cultura, Casa Comum e de

acervos digitalizados sob guarda de outros pesquisadores do anarquismo no Brasil, para recompor informações sobre as muitas “instituições” criadas pelos anarquistas em Fortaleza e sobre as formas de militâncias educacional que mantiveram.

MAPEAMENTO DAS EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS LIBERTÁRIAS: MÚLTIPLAS CARTOGRAFIAS ENTRE EDUCAÇÃO, CULTURA E POLÍTICA

A pesquisa buscou investigar, catalogar e mapear espaços de educação vinculados ao pensamento e ação dos anarquistas em Fortaleza entre os 1900 a 1940. Entendemos como espaços de educação as escolas, as bibliotecas sociais, os centros de cultura, bem como os núcleos de estudos e propaganda, palestras, teatro social e demais eventos e agrupamentos acionados pelo movimento operário dentro de uma perspectiva de educação com e para a classe operária em resistência.

Como perspectiva teórica, utilizamos o amplo repertório da História Social, por uma “história vista de baixo”, a partir da ótica das camadas populares, e não pela via institucional, de suas lideranças ou de seus poderes instituídos. Retomando Michelle Perrot, em *Os excluídos da História* (PERROT, 2017), buscamos trazer referências para a escrita de uma história dos “sem nomes”, da “gente comum”, dos “desajustados” às ordens, dos “dissidentes” dos sistemas instituídos, recuperando as ações da plebe invisibilizada durante longo tempo e que nas últimas décadas tem emergido e ganhado estudos mais amplos. Nesse sentido, nossa pesquisa visou prestar uma contribuição a História de uma Educação Popular em Fortaleza, para além das instituições públicas no período em estudo. Como o termo “História da Educação Popular”, exemplificamos o conjunto de realizações educativas pensadas, articuladas e promovidas pelos próprios trabalhadores, em seus espaços de organização comunitária e/ou de classe. Não deve ser confundido como a instrução do Estado direcionado às classes populares, como por exemplo as escolas públicas, mas sim as escolas criadas e mantidas pelos e para os trabalhadores, engendrando uma educação e pedagogia diferente da que era produzida nos espaços escolarizados estatizados e/ou privados.

Em um cenário marcado pelo analfabetismo – em 1900, 65,3% da população eram de analfabetos (INEP, 2017) – e pela falta de instituições escolares, estas ações militantes buscavam preencher lacunas para além desta falta de educação pública. Era necessário oferecer uma alternativa aos trabalhadores no que se refere à instrução (no sentido da oferta de disciplinas

escolares, como Português, Francês, Esperanto, Sociologia, Aritmética – exemplares do currículo da época), mas também, aliado a esta, uma educação que propiciasse uma crítica social frente aos poderes estabelecidos. São demonstrativos deste tipo de iniciativa a Escola Moderna do Ceará (1911), a Escola Humanidade Nova (1911), a Escola Operária Secundária (1921) e o Educandário Cearense (1927), ambos projetos mobilizados com o apoio da militância anarquista.

A partir destes espaços escolarizados, construídos com uma perspectiva e presença libertária, alargamos o que chamamos de “experiências educacionais” para os espaços não escolarizados, mas que estavam frontalmente ligados a formação educacional e militante. Por meio de um jornal, por exemplo, podia se ler textos em francês, ter acesso a autores russos, discutir os cenários políticos e também, conseguir lista de livros, pensar no que faltava em termos educacionais e finalmente planejar, visualizar uma nova sociedade em que os trabalhadores pudessem também arquitetar o futuro e não apenas serem arrastados.

Para melhor compreensão e organização da pesquisa, agrupamos as experiências educacionais em três eixos, são eles: 1) Escolas, Grupos de Estudo e/ou Propaganda; 2) Jornais e revistas, e; 3) Associações, sindicatos e demais agremiações. Ao todo, foram pesquisadas 25 instituições que tiveram a participação da militância libertária em Fortaleza. Como participação, entendemos aqueles que estiveram como fundadores e mobilizadores dessas instituições. No eixo 1, foram pesquisados: Escola Humanidade Nova (1911), Escola Moderna do Ceará (1911), Agencia Libertaria de Moacyr Caminha (1911), Grupo Libertário de Estudos Sociaes do Ceará (1911), Grupo Libertário Pró Guerra Social (1912), Escola Operária Secundária (1915), Esperanto-Klubo Cearense (1916), Nova Samideanaro (1919), Grupo Escolar Modelo (1921), Escola Renascença (1923), Grupo Libertário Amigos d’A Plebe (1923-1925), Educandário Cearense (1927-1936?). No eixo 2, listamos: *O Regenerador* (1908), *O Demolidor* (1908), *Ceará Socialista* (1919), *Voz do Graphico* (1920-1922), *O Combate* (1921), *Brazila-Vivo* (1922), *Nova Mondo* (1923). No eixo 3, foram pesquisados: Grêmio Literário Cearense (1917), Partido Socialista Cearense (1919), Associação Graphica do Ceará (1920-1922), União Geral dos Trabalhadores Cearenses (UGT), (1920-1923), Partido Republicano Socialista do Ceará (1934).

As informações obtidas foram organizadas em tabelas que constam, para o eixo 1, as seguintes informações: nome da iniciativa, organizadores, endereço, data de fundação e periodicidade, lista de estudantes, notas sobre a escola, imagens e bibliografia e demais fontes em que podemos consultar as informações obtidas durante a pesquisa. Para o eixo 2 e 3 a pesquisa organizou pequenas alterações nas tabelas, como “subtítulo”, “grupo editor”, “autoria dos textos”,

“circulação/abrangência do periódico”. Abaixo, a título de exemplo do que podemos encontrar no mapeamento, temos uma tabela com informações resumidas sobre a Escola Moderna do Ceará, fundada em 1911 e situada na Rua Barão do Rio Branco, 232.

Tabela 1. Exemplar resumido de uma das 25 instituições pesquisadas.

Nome: Escola Moderna do Ceará
Coletivo organizador: Moacyr Caminha, D. Cecy Abreu e Eurico Pinto. No jornal <i>A Lanterna</i> , de 30 de dezembro de 1911, cita que a Escola foi criada e é mantida pelo “Grupo Libertário de Estudos Sociaes do Ceará”.
Endereço: Rua Major Facundo, 186 (Citada n’ <i>A Lanterna</i> , 01/11/1911) – sede Rua Senador Pompeu, 241 (Citado no <i>Jornal do Ceará</i> , em 06/11/1911, endereço para informações Rua Barão do Rio Branco, 232 (Citado no <i>Jornal do Ceará</i> em 06/12/1911)
Data de fundação: 3 de novembro de 1911 (Inscrições) Data de finalização: não encontrado. Periodicidade: Curso de Esperanto: as terças e sextas feiras, das 15h às 16h. Começou em 01 de dezembro de 1911. Curso Terra e Liberdade: aulas noturnas, de 19h às 20h. Curso Francisco Ferrer: aulas diurnas, mas não foi encontrado o horário exato.
Estudantes: Cecy Abreu (que aparece em alguns momentos secretariando os trabalhos, como inscrição nos cursos), Maria de Lourdes, Maria do Carmo, Maria Luiza e Maria Antonieta Abreu e Frutuosa Araújo, Maria Anesia, Maria José, Engracia e Rosa Ferreira, Ophelia Abreu Gomes e Leila Lustosa de Vasconcelos (ambas do Curso de Esperanto).
Notas/Comentários específicos relativos à Escola: Uma nota d’ <i>A Lanterna</i> , de 30 de dezembro de 1911, diz sobre a Escola que: “[...] foi instalada a ‘Escola Moderna no Ceará’, para a educação científica e racional do proletariado, segundo os princípios pedagogicos professados pelo inesquecível camarada Francisco Ferrer em Barcelona. [...] Como deveis compreender, não é possível a execução integral do programma da Escola, principalmente por falta de livros apropriados, mas já estão funcionando regular”. Ainda sobre aqueles que ministram os conteúdos, cita: “as aulas de portuguez, francez, arithmetica, historia da sociedade, geographia geral, palestras de sociologia, esperanto e escripturação e contabilidade commercial, dirigidas por um grupo de moços emancipados que se prestam, de boa vontade e gratuitamente, a dar explicações destas matérias”.
Imagens: Imagem 1: <i>Jornal do Ceará</i> anuncia dois cursos: Curso Terra e Liberdade e Curso Francisco Ferrer, sob os auspícios de Moacyr Caminha.

Escola Moderna do Ceará

CURSO «TERRA E LIBERDADE»

Educação científica e racional da mocidade proletaria

Não sendo possível, actualmente, a execução integral do programma deste curso, abrir-se-ão no dia 3 de novembro proximo as seguintes aulas :
Portuguez—francez — esperanto— historia da sociedade — geographia geral—palestras de sociologia—arithmetica — escripturação e contabilidade commercial—desenho.

O curso funcionará num salão devidamente mobiliado e illuminado á encandescente, satisfazendo a todas as condições exigidas presentemente para tal fim.

AULAS nocturnas, das 7 às 10
—Matricula gratuita

CURSO «FRANCISCO FERRER»

Educação physica, organica, intellectual e moral da infancia proletaria, segundo os methodos scientificos e racionais da pedagogia moderna cujos principios basilaes são : o estudo scientifico da criança ; a associação efficaz do medico e do educador ; a collaboração sincera da familia e da escola na obra educativa.

Este curso, que ficará a cargo de uma professora idonea, abrir-se-á em Janeiro do anno proximo vindouro.

Aulas diurnas; matriculas gratuita.

Para informações dirigir-se á rua Senador Pompeu, 241, das 11 ás 12 da manhã, e das 6 ás 6 1/2 da tarde, diariamente.

O Director
Moacyr Caminha

NOTA.—Pede-se aos operarios que lerem este aviso, que o façam ler pelos sens companheiros na officina.

Fonte: *Jornal do Ceará*, 25 de outubro de 1911 (Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional)

Bibliografia/Fonte: devido a brevidade desse artigo, optamos por excluir as informações dessa seção.

Fonte: Elaborado pelos autores.

A busca pelo endereço dessas iniciativas, na medida em que havia a preocupação específica pela construção também de uma cartografia da ação militante, nos revelou dificuldades especiais de várias ordens. Em algumas situações encontramos informações divergentes sobre o local, que ainda buscamos solucionar. Em outros casos, percebemos que os nomes de algumas ruas foram alteradas e mesmo ruas que tiveram nomes mantidos tiveram nova numeração imposta através do tempo. Há também os casos em que era importante “não ter um local”, endereço, ou que não poderia ser público, devido a ação perseguidora do Estado, particularmente em relação aos agrupamentos militantes. O Clube Socialista Máximo Gorki, por exemplo, chamara seus membros para sua Assembleia Geral nas páginas do *O Regenerador* da seguinte forma: *reunir-se segunda-feira no lugar e hora de costume* (O REGENERADOR, 1908). Houve, por fim, também os endereços que até o momento as fontes não foram suficientes para afirmar com segurança.

O alargamento dessa compreensão das experiências educacionais, com os temas dos eixos 2 e 3, com os jornais e revistas, e com as agremiações de militantes, aconteceu porque notamos rapidamente que estas iniciativas tiveram sempre um vetor também de educação e cultura. E essa concepção era expressa nas páginas da imprensa libertária. É comum encontrarmos entre a voz dos trabalhadores a ode a formação, a instrução como redenção para compreender e superar os graves defeitos da sociedade. D’*A Voz do Graphico*, trazemos o seu editorial diretamente aos trabalhadores leitores, convidando-os que “[...] *instruamo-nos o quanto antes. Hoje mesmo, quando chegarmos em nossa casa, depois de manjar o nosso feijão, devemos procurar as escolas, noturnas ou diurnas, para educar e instruir o nosso espírito, a nossa consciência*”. Invita, pois, ao ato da leitura, do estar em coletivo e da experiência de formação de uma outra consciência, acentuando que

[...] Socialista é o escritor, quando no livro, no drama ou no jornal, faz apoteose dos sentimentos de justiça para com os homens e de piedade para com os animais. [...] Socialista é o poeta, quando canta o heroísmo, a bravura, o desinteresse e consagra as supremas virtudes cívicas. Socialista é o professor, quando prega e ensina a seus alunos o sagrado ideal da redenção humana. (*Voz do Graphico*, n. 1. 1920).

A própria instituição sindical tem um significado muito diferente daquele que estamos acostumados nos nossos dias. *A Voz do Graphico* em seu primeiro número resume

O sindicato é a ESCOLA e o recreio do operário e de sua família; ali ele aprende a ler e ensina os companheiros que desejam aprender; ali ele aprende a estimar o seu semelhante e irmão, dando assim um passo em prol do sentimento de igualdade; ali ele conhece que o sentimento do trabalhador é um só em toda parte; ali ele aprende a ser homem de boa vontade e que é perigoso delegar seus direitos a estranhos [...] agir por conta própria, em prol dos mesmos; enfim, ali ele aprende a se organizar, a produzir e distribuir equitativamente o bem comum segundo as necessidades de cada um. (*Voz do Graphico*, n. 1. 1920)

O sindicato era, portanto, muito mais que instrumento de luta das reivindicações trabalhistas. Era um espaço em que o encontro permitia muitas outras faces da educação destinada a classe trabalhadora. Ali se abriu a escola que faltava ao operário, ali víamos palestras e a leitura coletiva do jornal. A Escola Operária Secundária, situada na sede do Centro Artístico Cearense (esquina das avenidas Tristão Gonçalves e Duque de Caxias), chamava aos trabalhadores para a matrícula nos seguintes termos: *"Esse importante estabelecimento de instrução operaria abrirá brevemente a sua matrícula, que será franqueada a todos os trabalhadores que desejam libertar-se dos elastissimos tentáculos desse polvo horripilante - a ignorância"*.

A pesquisa nos chama atenção também ao mostra que Fortaleza estava imersa na ampla rede de contatos que envolvia a militância anarquista no Brasil e em Portugal. Em 1909, *A Voz do Trabalhador*, publicado no Rio de Janeiro e porta-voz da Confederação Operária Brasileira (COB), noticia que *No Ceará, os companheiros que queiram obter A Voz do Trabalhador ou queiram fazer-se assinantes podem procurar na sede do Centro A. Cearense (A VOZ DO TRABALHADOR, 1909)*. Também é possível acompanhar no periódico informações sobre reuniões, abertura de escolas, fundação de sindicatos, posse de diretorias no Ceará. Podemos recolher ainda nominalmente a presença de outros militantes cearense no periódico, como o relato de detenção de Joaquim Pimenta, em 1909, e Newton Craveiro, iniciando sua assinatura do jornal, em 1914.

Moacir Caminha, militante inserido na maior parte das experiências pesquisadas, é mencionado n'*A Voz do Trabalhador*, como representante da COB no Ceará, o que revela forte relação de confiança e articulação entre esse militante e a Confederação. Caminha é ainda o articulador que projeta a ação libertária cearense para fora no país, sendo o seu jornal *O 24 de janeiro* noticiado na sessão "publicações recebidas" n'*A Sementeira*, de Portugal. *A Sementeira* publicou também um chamado do "Grupo Libertário de Estudos Sociaes do Ceará", grupo que Caminha também fazia parte: *"O Grupo Libertário de Estudos Sociaes do Ceará, pede a todos os periódicos anarquistas de Portugal, a remessa permanente de um exemplar de cada numero,*

para a sua biblioteca (A SEMENTEIRA, 1912).

CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE A PESQUISA SEMPRE EM CONSTRUÇÃO

A pesquisa sobre o mapeamento das experiências vinculadas ao pensamento e ação dos anarquistas entre as décadas de 1900 e 1940 nos possibilitou pela primeira vez termos um registro mais organizado da presença da militância libertária em Fortaleza. A partir de uma releitura das principais referências bibliográficas sobre o tema, associada à pesquisa das novas fontes primárias digitalizadas, nos permitiu referendar algumas fontes, ratificar indícios e acrescentar muitas informações que outrora nos pareciam inacabadas e carentes de maior segurança documental. Agora é possível, de modo organizado e, principalmente, devido a rede de pesquisadores e estudos sobre o anarquismo cearense, encontrar as instituições que essa militância esteve presente, o período de atuação, a atividade que desempenharam, os projetos debatidos e as ações desenvolvidas.

Nos revelou também, do ponto de vista temático, novas possibilidades de pesquisas, articulando militância política e educação, sobre a especificidade da educação libertária frente a educação estatal e privada existentes naquele período, e também sobre a presença de educadores anarquistas na secretaria de Educação do estado do Ceará, durante a década de 1920 e 1930. Do ponto de vista metodológico e dos seus resultados, também vemos novas possibilidades, na medida em que as tabelas podem ser alimentadas com novas informações a todo momento (inclusive ampliando para mais pesquisadores) e está sendo organizada uma plataforma (site ou aplicativo) para socializar as informações, documentos e promover diálogos entre pesquisadores da educação e do anarquismo no Brasil, bem como da sua utilização pública por instituições de ensino no Ensino Básico.

REFERÊNCIAS

BARRANCOS, Dora. (2010). *As "leituras comentadas": um dispositivo para a formação da consciência contestatória entre 1914-1930*. **Cadernos AEL**, 5(8/9). Recuperado de <https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/ael/article/view/2473>.

BARROS, José D'Assunção. **História Digital: a historiografia diante dos recursos e demandas de um novo tempo**. Petrópolis: Vozes, 2022.

GONCALVES, Adelaide. *Ceará Socialista: anno 1919*. Fac-símile. Florianópolis: Insular, 2001.

GONCALVES, Adelaide. *Muitos typos na Educação para os Pobres: imprensa e instrução no Ceará de fins do século XIX aos anos 1920*. In **Documentos. Revista do Arquivo Público do Ceará: história e educação**. Nº 2. Fortaleza: Arquivo Público do Estado do Ceará, 2006.

GONCALVES, Adelaide. BRUNO, Allyson. PEREIRA, Victor. (Orgs.) **O Demolidor: orgam da liga contra os frades constituída pela mocidade independente**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2013.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Mapa do Analfabetismo no Brasil**. Brasília, DF: MEC, 1997.

MORAES, Carmen Sylvia Vidigal. **Educação Libertária no Brasil: Acervo João Penteado – inventário de fontes**. São Paulo: Fap-Unifesp: Edusp, 2013.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros**. 7ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

PINHEIRO, M. L. U. PINHEIRO, L. B. S. P. (Org.) **Imprensa Operária no Amazonas**. Documentos da Amazônia (v. 1). Manaus: EDUA, 2004.

PINHEIRO, P. S. HALL, M. H. **A Classe Operária no Brasil: condições de vida e de trabalho, relações com os empresários e o estado**. v.2. São Paulo: Brasiliense, 1981.

RODRIGUES, Edgar. **Alvorada Operária**. Rio de Janeiro: Editora Mundo Livre, 1979.

RODRIGUES, Edgar. **O Anarquismo na Escola, no Teatro, na Poesia**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1992.

SILVA, Ozângela de Arruda. **Pela Rota dos Livros: circulação de romances e circulações comerciais em Fortaleza (1870-1891)**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2011.

FONTES PRIMÁRIAS – PERIÓDICOS UTILIZADOS

A Lanterna. Ano 11, n.119, 30/12/1911.

A Sementeira (Portugal). Ano 4. n. 42, abril de 1912.

A Voz do Trabalhador, n. 13, 15/06/1909

Jornal do Ceará. Ano 8, n. 1417. 03/11/1911.

Jornal do Ceará. Ano 8, n. 1423. 17/11/1911.

O Regenerador. Ano 1, n. 1, 22/02/1908.

Phenix Caixeiral, 24/06/1893. Edição consagrada ao 2º aniversário da Sociedade Phenix Caixeiral.

Voz do Graphico, Ano 1, n.1, 25/12/1920.

Voz do Graphico, Ano 1, n.7, 12/03/19